



LA MOVILIDAD INTERNACIONAL DE LOS ESTUDIANTES DE
EDUCACIÓN SUPERIOR BRASILEÑOS PARA PORTUGAL

INTERNATIONAL MOBILITY OF BRAZILIAN
STUDENTS IN HIGHER EDUCATION IN PORTUGAL

Juliana-Chatti-Iorio

Resumen

Este artículo es el resultado de un estudio que está todavía en desarrollo, el cual incluye la análisis de las fuentes secundarias de información y los datos do Proyecto THEMIS - *Theorising the Evolution of European Migration Systems*. Esto proporcionó algunas “pistas” de investigación que tienen como objetivo profundizar el conocimiento y la comprensión de los patrones de movilidad internacional de los estudiantes de educación superior brasileños en Portugal.

Se pretende, por tanto, analizar los factores macro, meso y micro que puedan ser responsables por este tipo de movilidad, así como explicar la elección del país de destino y los planes para otros tipos de migración futura.

Palabras clave: Migración, Brasil, Circularidad

Abstract

This article is the result of a study that is still in development, which includes the analysis of secondary sources of information and data from THEMIS Project – *Theorising the Evolution of European Migration Systems*. The later provided some “clues” for the research which aims to deepening the knowledge and understanding of international mobility patterns of Brazilian students in higher education in Portugal. It is intended, therefore, to analyze the macro, meso and micro factors that can be responsible for this type of mobility, as well as to explain the choice of the territory of destination and the plans for other types of future migration.

Keywords: Migration, Brazil, Circularity

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende, através de uma breve revisão bibliográfica, apresentar as principais teorias acerca das migrações, bem como as críticas a estas teorias, que têm surgido ao longo dos anos. Posteriormente, através de uma análise teórica-conceitual, objetiva-se discorrer sobre o tema do Estudante-Migrante, com especial atenção para a migração de estudantes brasileiros do ensino superior para Portugal.

Devido a relação histórica entre Portugal e o Brasil, a afluência de cidadãos de nacionalidade brasileira para Portugal não é novidade. No entanto, este tipo de migração tem sofrido transformações substanciais ao longo dos tempos. Segundo Pinho (2012), ao longo dos últimos 20-25 anos destacaram-se dois fluxos distintos de emigração brasileira para Portugal: os emigrantes qualificados e os emigrantes não qualificados. No entanto, o fluxo de estudantes brasileiros do ensino superior para este país nunca esteve em evidência, embora, historicamente, também não seja algo novo – segundo Rocha (2010) é verificado desde 1700. Contudo, apesar das limitações dos dados existentes, de acordo com Fonseca e Hortas (2011), ao longo da última década tem havido um crescimento notável no número de estudantes internacionais em Portugal, com destaque para os provenientes do Brasil. Os dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciências/ Ministério da Educação e da Ciência (DGEEC/MEC) de Portugal também revelaram que a partir 2008-09 o Brasil passou a ser o país que mais estudantes do ensino superior tem enviado para Portugal, e esta tendência continuada foi igualmente observada através da informação qualitativa recolhida no âmbito do Projeto THEMIS¹.

Por isso, após uma pequena contextualização histórica, tenciona-se, através de uma componente de análise de dados, com base em fontes secundárias de informação, e da análise de algumas entrevistas realizadas pelo Projeto THEMIS perceber, para além das relações históricas entre estes dois países, quais os fatores macroestruturais (macro), intermediários (meso) e individuais (micro) que estão na escolha de Portugal como país de destino.

Trata-se, portanto, de uma análise exploratória, fruto da investigação em curso no Doutoramento em Migrações do Instituto de Geografia e Ordenamento

¹ Um projeto internacional financiado pelo programa NORFACE - *New Opportunities for Research Funding Agency Co-operation in Europe*, que possui equipas de investigação em Portugal, Reino Unido, Países Baixos e Noruega, e estuda os movimentos migratórios iniciados por pioneiros na Europa a partir de três países de origem: Brasil, Ucrânia e Marrocos. Este projeto deverá estar concluído no final de 2013. (<http://www.imi.ox.ac.uk/projects/themis>)

do Território da Universidade de Lisboa, e que, apesar de não estar concluída, apresenta algumas evidências merecedoras de registo.

2 – UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para compreendermos os movimentos migratórios de um grupo específico como o dos estudantes brasileiros em Portugal, é preciso, antes de mais, entendermos os movimentos migratórios, de um modo geral, ao longo do tempo.

Pode-se dizer que foi o geógrafo e cartógrafo inglês Ravenstein (1885), na viragem do século XIX, o autor precursor da teoria migratória. Este autor, baseando-se numa análise empírica, apresentou o que ele chamou das “leis da migração”, tendo a visão de que o principal motivo de uma migração era o desejo do agente individual melhorar a sua condição económica. Isto representou, mais tarde, a essência do modelo de push-pull (Lee, 1969), ou seja, a ideia de que era a conjugação individual dos fatores de atração (pull) e repulsão (push) que explicavam a migração.

Segundo Santos, et al., (2010, p. 10), “*a preocupação em especificar quais atributos individuais – idade, sexo, educação, atividade profissional, por exemplo – são responsáveis pela seleção positiva dos indivíduos que migram, constitui o principal objetivo dos trabalhos de Ravenstein e Lee*”. Para Joaquín Arango (2003), nestas teorias a raiz das migrações estava nas diferenças entre os níveis salariais existentes em cada país que, por sua vez, refletiam as diferenças nos níveis de rendimento e bem-estar de cada indivíduo. Deste modo, a razão pela qual os indivíduos respondiam às diferenças estruturais entre países ou regiões, realizando a migração, constituíam, por sua vez, o núcleo da versão micro deste pensamento. No entanto, Arango considera que o primeiro fator que contradisse tais pensamentos foi o número relativamente pequeno de migrantes internacionais, dadas as enormes diferenças de rendimentos, salários e níveis de bem-estar existentes nos diferentes países. Se as correntes migratórias entre países ricos e pobres seguissem esta teoria, o número de migrantes transfronteiriços e internacionais deveria ser muito maior do que na realidade o era.

Becker, em 1962 (Citado por Peixoto, 2004), elabora um pouco mais esta perspectiva micro, através do modelo do capital humano, mas não põe em causa os fundamentos do modelo push pull. No modelo do capital humano,

as deslocações envolvem um investimento do agente no seu próprio potencial produtivo, ou no da sua unidade familiar, cujos resultados só poderão ser atingidos a prazo. Desta forma, os investimentos feitos pelo indivíduo em sua educação formal, na sua formação e treinamento profissional ou na aquisição de outros conhecimentos, por exemplo, serão determinados pela relação entre os benefícios futuros que ele espera receber por estes investimentos e os custos associados aos mesmos. Ou seja, de acordo com este autor (Citado por Santos, et al., 2010), os investimentos em educação levariam a um aumento na renda e na produtividade dos indivíduos, pelo fato de proporcionarem a eles conhecimento, habilidades e uma capacidade de analisar e resolver problemas.

No entanto, Granovetter (1985) vem afirmar que, o estudo da vida económica não se desenrola apenas num campo de ação racional de indivíduos atomizados, procurando objetivos estritamente «económicos», mas decorre no seio (*embedded*) de um campo de relações e estruturas sociais (relações pessoais, contextuais ou históricas concretas). Ou seja, este teórico vem salientar que, em qualquer relação de mercado está presente um grau importante de relação pessoal e introduziu, como refere Peixoto (2004), a constituição de um “capital social”, a criação de “redes” de contactos, a probabilidade de uma origem social ou cultural comum, ou mesmo o “prazer” em trabalhar com conhecidos, argumentos que, até então, haviam escapado à visão da sociologia da economia, e que poderão ser utilizados também para explicar o caso dos estudantes que emigram para estudar. Ainda segundo Peixoto (2004), também a visão de Savage (1988) alerta-nos para as dimensões não individuais de alguns percursos migratórios, afirmando que, em muitos casos, não são os agentes individuais, mas sim as organizações e instituições, que decidem os mapas migratórios. Por isso, Peixoto (2004, p. 22) considera que “*as zonas de confluência entre as visões micro e macro* são múltiplas e as distinções não são absolutas”. A Teoria dos Sistemas Migratórios, por exemplo, de acordo com Castles e Miller (Citado por Gonçalves, 2007), engloba a interação das estruturas micro (papel das relações sociais informais, da informação, do capital cultural das famílias e das comunidades) com as estruturas macro (economia, política, relações internacionais, direito) e as estruturas intermédias, ou meso, que atuam como intermediárias entre os migrantes e as instituições políticas ou económicas. Nestas estruturas intermediárias podemos considerar as “Redes Migratórias”, ou seja, o facto de que os migrantes não atuam isoladamente, nem no ato de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino, mas estão inseridos em “redes” que

forneem as informações, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva.

Assim, não podemos dizer que as migrações estão sujeitas somente a mecanismos de natureza económica, mas também a agentes sociais de natureza coletiva e que, como referem Santos, et al., (2010, p. 16), na falta de uma teoria única, “*o que se pode fazer para entender determinados movimentos migratórios é utilizar todo o arcabouço teórico já produzidd’* para tentarmos explicar, de certa forma, o que está acontecendo dentro do contexto analisado.

2.1 – O ESTUDANTE-MIGRANTE

“*A migração estudantil foi durante muito tempo negligenciada, mas trata-se de uma forma incrivelmente importante de mobilidade na Europa’* (King, 2002, p. 98). Já em 1996 este autor apontava para o facto deste tipo de migração poder ser um “gesto de escape”, uma “aventura”, um “rito de passagem”, motivada pela mistura de objetivos educacionais com experiências, viagens e a “busca pelo prazer”.

King (2002) classifica àqueles que migram com o propósito de estudar como “migrantes voluntários” ou de “livre vontade”, que migram temporariamente, podendo, entretanto, tornarem-se migrantes permanentes. Normalmente migram de uma maneira legal e possuem novas motivações para se fixarem no país de destino. Para ele, estes migrantes geralmente procuram “familiaridade cultural e contactos sociais e familiares” na escolha do país de destino. Trata-se, portanto, de indivíduos cujo motivo da migração não é, necessariamente, económico, mas sim “*part of a dream of self-realisation’*”. Em 2010, King, et al., completaram dizendo tratar-se de uma migração motivada quer pela aquisição de uma nova língua ou de uma consciência intercultural, para além de melhores perspectivas de oportunidades de emprego.

No entanto, até 2010, de acordo com Brooks e Waters (2010, p. 14), a maioria dos estudos feitos sobre este tema “*concentrou-se em migração de leste a oeste e, em particular, sobre o movimento de países asiáticos para destinos anglófonos como a EUA, Canadá, Austrália e Reino Unido’*”.

Para Joaquín Arango (2003), no último trimestre do século XX, as migrações internacionais têm experienciado mudanças profundas. A composição dos fluxos migratórios é mais heterogénea, tanto no que diz respeito às origens dos migrantes, quanto às suas características pessoais, e o continente americano

também se tem destacado como uma das principais regiões de origem.

Por isso, na atual conjuntura mundial, analisar a mobilidade de estudantes do continente americano, com especial atenção para os provenientes do Brasil, não é só interessante, como também necessário para compreendermos a composição dos fluxos migratórios da atualidade.

2.2 - OS ESTUDANTES BRASILEIROS DO ENSINO SUPERIOR NO EXTERIOR

Em 2008, Mazza já havia apontado para o facto de 16.000 brasileiros, das áreas das Ciências Humanas, Exatas e Biológicas, oriundos de diferentes estados e instituições, terem realizado parte da sua formação profissional, com bolsa de estudos, em outros países, entre os anos de 1970 a 2000. Isto, segundo a autora, teve em vista a formação de quadros qualificados, o fomento à pesquisa e aos investimentos em Ciência e Tecnologia no horizonte da circulação internacional.

Para Mazza (2008) os recursos públicos à bolsas no exterior representaram uma ampliação das possibilidades de brasileiros de diferentes classes, áreas, instituições e regiões circularem internacionalmente. As viagens internacionais, antes reservadas a uma elite econômica e/ou relacional, estenderam-se a universitários com projetos de formação profissional, avaliados por comitês científicos de áreas do conhecimento e atuação semelhantes às do solicitante. Se a iniciativa de acolher profissionais com títulos no exterior, durante o regime militar no Brasil, possibilitou a construção de um espaço político-ideológico-acadêmico polissêmico; a partir da década de 80, em pleno processo de redemocratização e com um sistema de pós-graduação nacional estruturado em quase todos os campos do conhecimento, a circulação internacional, metamorfoseou-se em padrão valorativo entre os pares.

A partir de 2001, de acordo com Zamberlam, et al., (2009, p. 62), *“uma tomada de posição marcante no processo de integração do ensino superior (no Brasil), foi a criação de uma nova forma de intercâmbio por meio de “parcerias universitárias” e de “consórcios de universidades”, que acelerou a inserção internacional das universidades brasileiras. Inicialmente criada com países europeus e com os Estados Unidos, isto impulsionou a inserção internacional das universidades brasileiras, originando programas bilaterais que financiam projetos conjuntos de pesquisa e programas bilaterais que financiam parcerias*

universitárias.

2.3 - PORTUGAL COMO DESTINO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS DE ESTUDANTES BRASILEIROS DO ENSINO SUPERIOR

Historicamente, Rocha (2010) já havia chamado atenção para o facto de, desde 1700, a percepção no afluxo de estudantes brasileiros em Portugal ter como consequência uma posterior dinamização econômica no Brasil, apesar de Góis e Marques (2007, p. 30-31) terem classificado os estudantes provenientes de outros países (inclusive do Brasil) como “migrantes internamente qualificados”, *“que adquirem uma formação superior em Portugal e que aqui laboram após a obtenção dessa formação”*.

Segundo Fonseca e Hortas (2011, p. 4), o facto é que Portugal tem adotado medidas que estimulam a internacionalização do ensino superior e da investigação e *“tem havido um crescimento significativo no número e na proporção de bolsas de doutoramento e pós-doc dado a alunos estrangeiros, com particular relevância para os brasileiros”*. Entretanto, não existem dados atuais capazes de concluir se estes estudantes permanecem ou não no país após terminarem os estudos.

A socióloga Filipa Pinho, em sua defesa de tese de doutoramento pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), em 2012, onde abordou as “Transformações da Emigração Brasileira para Portugal”, dividiu esta emigração em dois fluxos distintos: O primeiro, que aconteceu entre as décadas de 80 e 90, e tratou-se de uma emigração qualificada proveniente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro; e o segundo, que ocorreu a partir do ano 2000, e foi particularmente uma emigração não qualificada proveniente do estado de Minas Gerais. Se considerarmos, portanto, esta classificação, será que podemos dizer que hoje, os estudantes brasileiros do ensino superior que estão a vir para Portugal, cada vez em maior número, representam um novo fluxo? Será que podemos dizer que Portugal, que já teve uma corrente de imigrantes brasileiros “qualificados” e outra de “não qualificados”, agora está a ter uma de imigrantes brasileiros “em vias de qualificação” ou, como chamou Rocha (2010, p. 233), *“em processo de maior qualificação”*, constituindo-se como “novos” e distintos atores no cenário da imigração para Portugal?

Ainda não existem dados que comprovem a hipótese acima. Sabemos, no entanto, que estamos num novo período da imigração brasileira em Portugal,

onde observamos uma diminuição no “stock”, o retorno dos migrantes de vagas anteriores e o aumento no fluxo de estudantes (Iorio e Peixoto, 2011). Neste sentido, a análise de algumas evidências empíricas podem dar alguns indícios do que está a acontecer.

3 – OS ESTUDANTES BRASILEIROS DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL

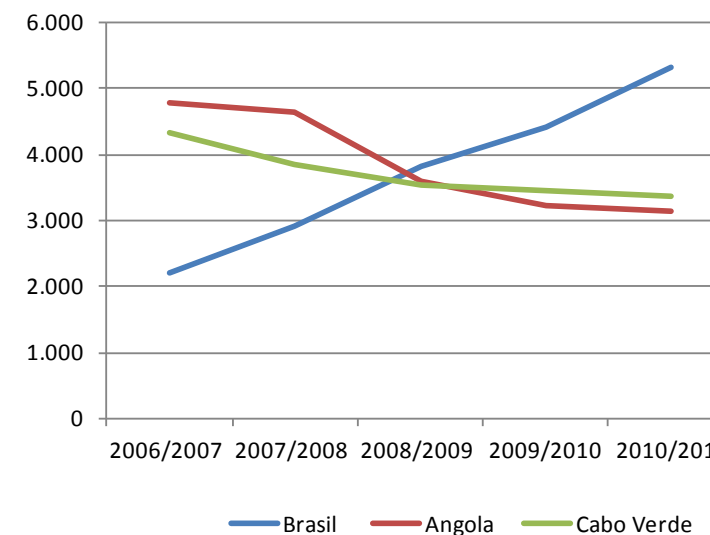
3.1 - O QUÊ DIZEM AS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS?

A análise de dados baseada em fontes secundárias de informação (como a DGEEC/MEC) e em informação qualitativa recolhida no âmbito do Projeto THEMIS fornecem alguns dados sobre a atual situação dos estudantes brasileiros do ensino superior em Portugal e dão algumas “pistas” que deverão ser aprofundadas com o estudo que está em desenvolvimento.

Já em 2009, um estudo de inteligência de mercado para o segmento de estudos e intercâmbio constatou que “3 milhões de estudantes realizaram estudos no exterior” (Citado por BELTA, 2009, p. 10) e que este número tem vindo a aumentar 14,5% ao ano, com previsão de alcançar 10 milhões de estudantes até 2025, o que representa um crescimento de 233% em 16 anos.

Em Portugal, de acordo com os dados da DGEEC/MEC, no ano letivo de 2010-2011, dos 396.268 estudantes inscritos no ensino superior português, 21.824 (5,5%) eram estrangeiros. Destes, 5.335 (24,44%) eram de nacionalidade brasileira, ou seja, neste ano o Brasil foi o país que mais estudantes do ensino superior enviou para Portugal, seguido por Cabo Verde, com 3.359 (15,39%) e Angola, com 3129 (14,33%). Em 2011-12, manteve-se a tendência de crescimento do número de estudantes brasileiros, chegando aos 7082 inscritos. É interessante observar que até 2008-2009, o número de estudantes angolanos e cabo-verdianos matriculados no ensino superior português era superior ao dos brasileiros. Essa tendência apenas se inverteu neste ano.

Evolução comparada dos estudantes brasileiros, cabo-verdianos e angolanos, matriculados no ensino superior português (2006/2007 – 2010/2011)



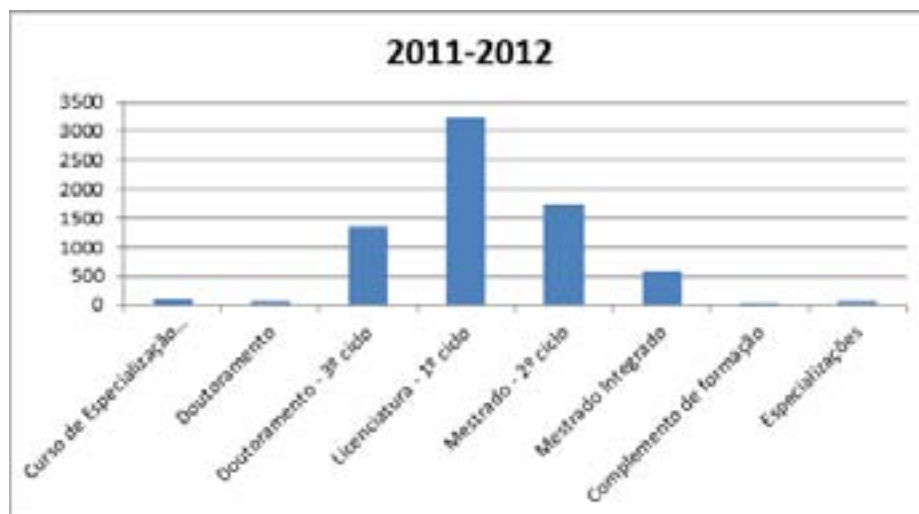
Fonte: Inquérito aos alunos inscritos e diplomados do ensino superior, DGEEC/MEC, SEF 2012

A informação recolhida através do Projeto THEMIS também mostrou que, das 64 entrevistas qualitativas semiestruturadas realizadas, em 2011, a migrantes retornados residentes nas regiões de Campinas (São Paulo) e Rio de Janeiro (capital), 23 (36%) haviam emigrado tendo como objetivo principal “estudar”. Destes, 11 o fizeram para Portugal entre os anos de 2007 e 2011².

Os dados da DGEEC/MEC também revelaram que, em 2011-2012, 3211 estudantes brasileiros estavam a cursar uma Licenciatura/Graduação (1º ciclo) em Portugal, seguido pelo Mestrado/Pós-graduação (2º ciclo) com 1736 inscritos e posteriormente pelo Doutoramento/Pós-graduação (3º ciclo), com 1340 estudantes.

² A escolha desses territórios de análise prendeu-se com os objetivos do Projeto THEMIS, em termos da captação da diversidade de fluxos migratórios para os países de destino do Projeto.

Alunos de nacionalidade brasileira inscritos no ensino superior português, por nível de formação



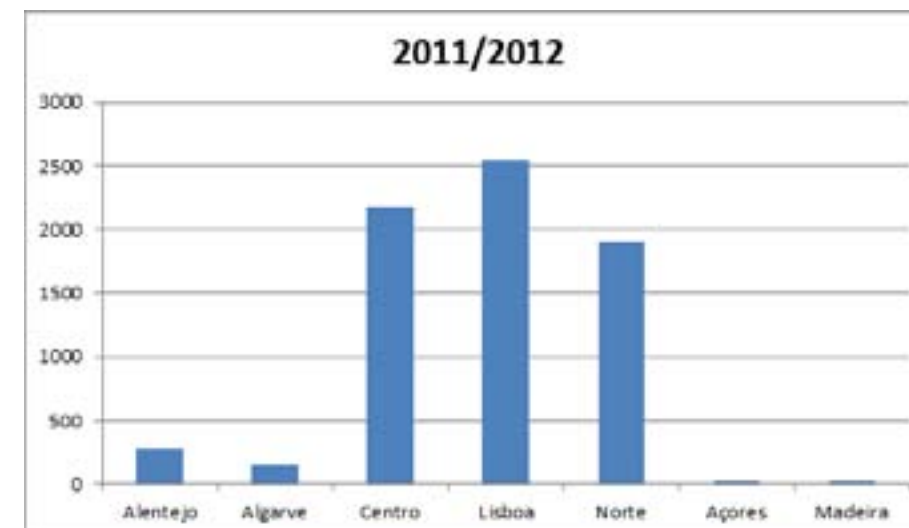
Fonte: Inquérito aos alunos inscritos e diplomados do ensino superior, DGEEC/MEC.

Ainda segundo os dados da DGEEC/MEC, neste mesmo ano letivo, 5910 (83%) dos alunos de nacionalidade brasileira encontravam-se inscritos no sistema público de ensino superior português.

Quanto às áreas de formação, a maior concentração destes estudantes, em 2011-2012, esteve nas áreas das Ciências Sociais, Comércio e Direito, com 2608 alunos, seguida pela área das Artes e Humanidades, com 1040, e pela área da Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção, com 911 alunos. Apesar dos entrevistados pelo Projeto THEMIS pertencerem a diferentes áreas de formação (Engenharia, Biologia, Educação Física, História, Literatura, Educação e Pedagogia), uma maior incidência também se fez presente na área das Humanidades.

Também em 2011-2012, as regiões de maior concentração desses estudantes, conforme a DGEEC/MEC, foram: Lisboa, com 2539 inscritos, seguida pela região Centro (onde está a Universidade de Coimbra), com 2174, e posteriormente a região Norte (onde localiza-se a cidade do Porto) com 1910 estudantes.

Alunos de nacionalidade brasileira, inscritos no ensino superior português, por região de destino



Fonte: Inquérito aos alunos inscritos e diplomados do ensino superior, DGEEC/MEC.

Em Fevereiro de 2013, o Relatório Internacional “Percepções, Observações e Desafios”, encomendado pelo Conselho de Reitores à Associação Europeia das Universidades, referiu um aumento de 15% da mobilidade internacional de estudantes para Portugal, onde objetiva atrair estudantes não só do espaço europeu, mas também da América Latina e do continente asiático³. Esta preocupação com a mobilidade internacional de estudantes para o país já havia sido manifestada em Novembro de 2012, quando o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) promoveu, na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, a Conferência “Imigração de estudantes internacionais”. Nesta conferência, um estudo apresentado por Pedreira e Roriz, intitulado “Os Estudantes Estrangeiros Nacionais de Países da CPLP no Ensino Superior em Portugal: Contributos para uma Caracterização”, revelou que embora a licenciatura seja o nível de formação mais frequentado pelos estudantes oriundos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a procura por cursos de mestrado e doutoramento têm aumentado nos últimos anos, com destaque para o Brasil, que é o país que em termos percentuais mais inscritos possui em cursos de

³ <http://www.rtp.pt/programa/tv/p29908/c108439>, acessado em 22 de Fevereiro de 2013.

doutoramento (73,8%), para além de liderar também os cursos de licenciatura e mestrados do segundo ciclo⁴.

Quanto ao género dos estudantes brasileiros do ensino superior em Portugal, os dados da DGEEC/MEC mostraram que, em 2011-12, 4152 (58,6%) pertenciam ao sexo feminino. Dos 11 entrevistados pelo Projeto THEMIS, 10 também eram mulheres.

Como refere Pinho (2012), a feminização das migrações é uma das características que frequentemente tem sido assinalada nas migrações contemporâneas, porque contrasta com o padrão do século XIX, onde os homens constituíam a maioria dos migrantes. Hoje as mulheres emigram mais sozinhas e não apenas em processos de reunificação familiar.

Outra característica, digna de registo, é que os 11 entrevistados pelo Projeto THEMIS possuíam visto ou autorização de residência para estudar em Portugal e demonstraram uma grande preocupação com a questão da legalidade no país de destino.

O objetivo principal da mobilidade, para 9 destes entrevistados, foi fazer um intercâmbio académico na graduação em Portugal, mas objetivos adjacentes como, “conhecer outras culturas” e/ou “enriquecer o currículo”, também foram salientados pela maioria.

3.2 – MOTIVAÇÕES E OPERACIONALIZAÇÃO DA MOBILIDADE

a) Fatores macro e meso

Como já foi referido, sabemos que as motivações para as migrações podem ser tanto de carácter individual (micro) como macroestrutural ou institucional, e ainda contar com fatores intermediários (meso).

Num nível macro, a mobilidade internacional de estudantes tem aparecido na agenda política atual de algumas economias emergentes, onde os governos, motivados por razões económicas e estratégicas, têm procurado desenvolver políticas de incentivo neste sentido. Este é o caso da China, Índia, Japão e Coreia do Sul, e mais recentemente do Brasil. Por isso, “*observa-se um aumento contínuo das despesas globais em educação por parte dos poderes públicos e também das empresas e pessoas*” (Zamberlam, et al., 2009, p. 36).

Neste sentido, a informação qualitativa recolhida no âmbito do Projeto THEMIS, pode fornecer alguns indícios de quais foram as motivações desses

⁴ http://www.sef.pt/portal/v10/PT/aspx/agenda/agenda_detalhe.aspx?id_linha=6288, acedido em 22 de Fevereiro de 2013.

estudantes, como eles operacionalizaram a mobilidade, porquê, no entanto, retornaram ao Brasil, e se, entretanto, delineiam projetos de mobilidade futura.

A percepção de que o Brasil de hoje vive uma situação socioeconómica favorável, foi uma das motivações mais referidas pelos entrevistados do Projeto THEMIS que aqui estão a ser considerados:

“Eu acho que hoje em dia está muito mais fácil você conseguir sair do país, né, porque as passagens são mais baratas, acho que pra mim tudo é mais em relação ao financeiro, né, então as pessoas tem mais essa vontade de ir pela facilidade...” Nilma – Coimbra – 2009

“...com a nossa economia fervilhando e... está muito mais fácil pra você viajar pra fora.” Mirtes – Lisboa – 2010.

Aliado ao facto de, atualmente, a população brasileira possuir um maior poder de compra, fatores institucionais, como os convênios estabelecidos entre universidades brasileiras e estrangeiras, também têm contribuído para a operacionalização da mobilidade internacional de estudantes brasileiros do ensino superior:

“Quando eu fui, que deu certo de eu ir, tinha na época um programa chamado Capes-GRICES, agora se não me engano é Capes-FCT. E nós conseguimos no ano de 2005 a aprovação desse convénio por 2 anos. E esse convénio tratava de bolsas de estudos, pago pelo Governo brasileiro, pra alunos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado, pra ficar de 3 meses até 1 ano em Portugal, na Universidade de destino...” Maria – Aveiro – 2006

Mais recentemente, outras iniciativas têm incentivado, ainda mais, o número de estudantes brasileiros a completarem os seus estudos no exterior:

“...em 2009 foi um bum! Na nossa faculdade, foram várias pessoas, e aí foi quando teve a bolsa do Santander, que o Santander dava uma bolsa de, de... de quatro mil euros pra você passar os seis meses.” Mirtes – Lisboa – 2010.

De acordo com a Superintendência de Convênios e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), embora os termos dos convênios variem de uma universidade para outra, de modo geral, garantem que o estudante brasileiro não pague taxas escolares na universidade estrangeira, mesmo que seja privada, e que o mesmo receba uma autorização/ visto para estudar e permanecer no exterior durante o período necessário (<http://www.scri.ufrj.br/>). Já outros programas de mobilidade internacional, como o do banco Santander, oferecem bolsas de estudo para estudantes brasileiros que queiram cursar, um semestre, em universidades estrangeiras. Até ao final de 2012 este programa já havia concedido mais de 21.000 bolsas deste género

(<http://www.santanderuniversidades.com.br/Paginas/iesbolsaluso.aspx>).

Em Julho de 2010, o blog da Embaixada de Portugal no Brasil já noticiava: “Brasileiros são o maior grupo de estudantes estrangeiros em Portugal (<http://embaixada-portugal-brasil.blogspot.pt/2010/07/brasileiros-sao-o-maior-grupo-dos.html>)”. Mais recentemente, em 2011, o Governo Federal brasileiro lançou o programa “Ciências sem Fronteiras”, que passou a despertar, ainda mais, o interesse de universidades estrangeiras em estudantes brasileiros, visto que este programa está a custear as chamadas “bolsas sanduíche” (que permitem que o aluno cumpra parte da sua carga horária no Brasil e complete os estudos fora do país). Até 2015 devem ser concedidas 101 mil bolsas de estudos para cursos tecnológicos, de graduação e de pós-graduação.

Apesar do Governo brasileiro ter anunciado, no dia 24 de Abril de 2013, o cancelamento das bolsas para Portugal concedidas no âmbito do programa Ciências Sem Fronteiras, visto que este programa privilegia os cursos das áreas tecnológicas e, como vimos, o maior número de estudantes brasileiros do ensino superior em Portugal concentra-se nas áreas humanísticas, outros programas deverão continuar a enviar estudantes brasileiros para Portugal. Por exemplo, o Plano de Ação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, no Brasil) para a expansão da formação de estudantes de pós-graduação, graduação e docentes no exterior, divulgou em Junho de 2011 que esta instituição havia apoiado, nos últimos cinco anos, cerca de 25 mil bolsistas no exterior (considerando o somatório das bolsas ativas em cada ano), e que pretende conceder 40 mil novas bolsas de estudo no exterior até o final de 2014.

Sabemos, portanto, que dos 11 entrevistados pelo Projeto THEMIS que escolheram Portugal para estudar, 9 o fizeram através de um intercâmbio acadêmico na graduação e que um dos fatores que esteve na escolha de Portugal como país de destino foi os convênios estabelecidos entre as universidades brasileiras de envio e as universidades portuguesas de acolhimento:

“...a UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) tinha convênio com as Universidades de Portugal...” Paula – Lisboa – 2010

“...eu fui pra Portugal, pra cidade do Porto fazer um intercâmbio acadêmico. Foi a oportunidade que apareceu por um programa que existe aqui pela Universidade...” Rômulo – Porto – 2010

Embora as localidades de destino em Portugal sejam muito distintas, quatro destes entrevistados estiveram na Universidade do Porto. Apesar de, como já foi referido, haver uma maior afluência de estudantes brasileiros

do ensino superior na região de Lisboa e região Centro do país (onde está a chamada região do Baixo Mondego na qual localiza-se a cidade de Coimbra), nos dados da DGEEC/MEC, de 2011-2012, o chamado “Grande Porto”⁵ (região Norte do país) registou 339 estudantes brasileiros do ensino superior a mais, do que no ano anterior, contra 315 a mais na região do Baixo Mondego. Trata-se, portanto, do maior crescimento de estudantes brasileiros do ensino superior registado até então no “Grande Porto”.

Em Fevereiro de 2012 o Portal “Porto 24” noticiava que, só a Universidade do Porto recebeu este ano mais de 1500 estrangeiros, dos quais a “larga maioria” vem do Brasil “através de convênios bilaterais entre a Universidade do Porto e universidades estrangeiras, e de programas como o *Erasmus Mundus* (<http://porto24.pt/porto/27022012/universidade-do-porto-recebe-mais-de-1500-estrangeiros-este-ano/>)”.

Outro fator de motivação, também bastante referido pelas entrevistas do Projeto THEMIS aqui analisadas, foi a facilidade para se obter informações hoje, através das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação:

“Essas informações básicas de quanto eu ia gastar, onde eu poderia ficar a princípio, tudo isso, eu peguei pela Internet.” Cristiane – Porto – 2009

“Eu tive contato primeiro com pessoas que foram. E aí, eu fui procurar no site da Universidade Federal Fluminense, como que era esse convênio e o quê que era exigido.” Mirela – Évora – 2008

Portanto, como já referia King (2002), esta forma de migração também pode derivar, entre outras motivações, das novas tecnologias. Aqui cabe introduzirmos um outro fator facilitador, que atua como intermediário (meso) entre o indivíduo e as instituições, que é o papel das Redes Migratórias. O facto de se ter contactos no país de destino, ou pessoas que já lá estiveram, como referiu uma das entrevistadas acima, facilita muito a operacionalização da mobilidade. Ainda segundo King (2002), os migrantes que “compram” esses destinos medem, entre outras coisas, a familiaridade cultural e a existência de contactos sociais e familiares. Alguns desses entrevistados admitiram mesmo escolher Portugal devido à essa facilidade:

“...decidi ir pro Porto muito por ter... Essa menina que me ajudou, na carta falou que estudou no Porto e adorou o Porto, a conhecida da minha mãe que ia arrumar a casa morava perto do Porto e falou que a Universidade do Porto era maravilhosa na área de desporto.” Lia – Porto – 2009

⁵ Metrópole multimunicipal portuguesa constituída em sub-região. De acordo com os censos de 2011, ocupa uma área total de 1 024 km² e tem 1 287 276 habitantes (http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Porto, acessado em 3 de Agosto de 2013)

“E a gente com a nossa rede, dessas amigas que já tinham ido, conseguimos uma casa lá em Lisboa, e aí em setembro, dia 2 de setembro, nós fomos...” Mirtes – Lisboa – 2010

Isto, como já havia salientado Dreher Potvaara (Citado por King, et al., 2010, p. 10), *“reflete um axioma bem conhecido na teoria da migração, que é que os imigrantes tendem a ir a lugares ou países onde já existem imigrantes da mesma nacionalidade ou grupo étnico”*. Também de acordo com Zamberlam, et al., 2009, p. 75), *“a existência deste capital social no país de destino é um fator poderoso, influenciando a decisão de quem vai ou não se mover.”*

b) Fatores micro:

Quanto aos fatores individuais (micro), que também podem ser responsáveis pela razão da escolha do país de mobilidade, a falta de domínio em uma outra língua foi apontada pela amostra que estamos a analisar como um dos fatores de maior relevância:

“...pra ir pra outro país qualquer, precisa provar proficiência na língua, e eu não tenho, não sei falar nenhuma outra língua a não ser português assim, o meu inglês é muito ruinzinho...” Helena – Évora/Lagos – 2008

“...eu tinha opção de ir pra Portugal ou para a Espanha, Portugal pra... pro Porto... Pro Porto, Lisboa e Coimbra, e Espanha pra La Corunã, mas na época eu não falava nada de espanhol...” Estela – Porto – 2010

Foi interessante observar que a língua pode aparecer tanto como um fator de atração, quanto de repulsão, visto que, os estudantes brasileiros entrevistados pelo Projeto THEMIS, que haviam emigrado para o Reino Unido, por exemplo, salientaram o facto de já terem o domínio da língua inglesa ou quererem aprender ou aperfeiçoar esta língua, como o fator que os “atraiu” para um país que não falasse a língua portuguesa, “repudiando”, neste sentido, a hipótese de irem para países de língua portuguesa (Iorio, 2012).

Mas para além da questão linguística, outros fatores de ordem pessoal que apareceram nos discursos desses entrevistados foram:

- “Conhecer outras culturas”:

“Sempre quis morar fora, sempre quis estudar fora, pela infra-estrutura, por todo assim... não só pelo estudo em si, mas pra conhecer outras culturas e outras coisas.” Nilma – Coimbra – 2009

- “Enriquecer o currículo”:

“...eu fui primeiro em busca de um diferencial no currículo.” Mirela – Évora – 2008

“...eu vi que isso poderia ser uma coisa diferencial, podia representar um diferencial na minha firmação em relação a outras pessoas.” Rômulo – Porto – 2010

O “Conhecer outras culturas” ainda mais quando o país de destino deixou uma herança histórica e cultural no país de origem, como é o caso de Portugal no Brasil, pode ser um grande estímulo à mobilidade. Almeida (2012) também já havia chamado a atenção para o facto do fluxo de brasileiros que vão hoje estudar em França estar, em grande medida, relacionado à francofilia que emergiu de uma expressiva herança cultural francesa no Brasil.

Quanto ao “Enriquecer o currículo”, tendo como base uma pesquisa da *National Union of Students*, no Reino Unido, King, et al., (2010, p.24) verificaram que 72% dos participantes consideraram *“ter melhores perspectivas de emprego”* uma das razões para os seus projetos de mobilidade. Apesar disso, os autores consideram que *“as evidências sobre o verdadeiro valor acrescentado de estudos no estrangeiro continuam a ser extremamente escassas”*.

3.3 – RETORNO E PROJETOS DE MOBILIDADE FUTURA

Tanto os projetos de retorno, quanto os de mobilidade futura parecem estar intimamente ligados à questão da legalidade no país de destino, visto que todos os entrevistados demonstraram grande preocupação com esta questão. Em muitas entrevistas, “o ter que regressar” (por não querer ficar de maneira ilegal no país de destino e/ou ter compromissos institucionais no país de origem) está explícito:

“...como eu fui através da Universidade, eu tinha que voltar...” Estela – Porto – 2010

“...o meu contrato era pra ficar um ano, né, acabando esse um ano eu teria que retornar.” Nilma – Coimbra – 2009

Rocha (2010) já havia chamado a atenção para o facto do estatuto de académico, como categoria valorativa que qualifica a pessoa e a distingue burocraticamente de outros indivíduos, pouco ou nada influenciar, de modo a relativizar e mitigar quaisquer dificuldades que este tipo de imigrante possa ter. Ou seja, apesar do estatuto de estudante, este imigrante acaba por sucumbir às mesmas leis impostas a qualquer outro tipo de imigrante, tendo somente a

“facilidade burocrática” em questões de vistos e autorizações, devido ao facto de, normalmente, já emigrar com essa documentação tratada.

Mas apesar desses estudantes terem alegado o retorno obrigatório, quando questionados sobre projetos de mobilidade futura a maioria referiu que só voltaria a emigrar em “contextos muito particulares”:

“...a nível académico eu tenho vontade sim de voltar, mas assim, pra morar, pra trabalhar não.” Cristiane – Porto – 2009

“Pra estudar sim, pra ficar menos tempo, não pra ficar 1 ano, porque eu senti muita falta daqui, sinto muita falta da minha família...” Maria – Aveiro – 2006

Aliás, outras das razões que apareceram como determinantes para o retorno e a posterior fixação no Brasil foram, justamente, os laços familiares com o país de origem e a não sujeição a subempregos no país de destino, num momento em que a economia brasileira está, como uma das entrevistadas referiu, “fervilhando”.

4 – CONCLUSÃO

De acordo com a análise das fontes secundárias e das informações qualitativas recolhidas no âmbito do Projeto THEMIS, observamos que a maioria dos estudantes brasileiros do ensino superior que emigraram para Portugal, o fizeram para cursos de graduação e nas áreas das Humanidades. Este tipo de mobilidade fez-se notar mais a partir de 2006/2007 e tudo leva a crer que esta é uma tendência para continuar.

Segundo sugere os dados obtidos através do THEMIS, a situação socioeconómica favorável do Brasil; o incremento dos convênios entre universidades brasileiras e estrangeiras; aliados a um maior acesso a informação (devido às novas tecnologias da informação e da comunicação) são alguns dos fatores macroestruturais que têm contribuído para o aumento no número de estudantes brasileiros do ensino superior no exterior.

As redes migratórias estabelecidas entre o país de origem e destino também têm funcionado como intermediárias no contacto dos indivíduos que querem migrar com o país de acolhimento. Almada (2010, p. 240) já havia chamado a atenção para o facto dos fluxos imigratórios estarem “*sempre em redes estabelecidas e a estabelecer*” e Zamberlam, et al., (2009, p. 75) também já haviam referenciado que, “*a rede possibilita que os migrantes se movam*

num contexto de relativa certeza”.

Além disso, a falta de domínio de uma outra língua, aliada muitas vezes a vontade de conhecer outras culturas (ainda mais quando os países de origem e destino possuem heranças históricas e culturais fortes) são fatores de ordem pessoal que podem fazer com que muitos estudantes brasileiros do ensino superior optem por países como Portugal. O enriquecimento do currículo através de um intercâmbio académico internacional também é visto, muitas vezes, como uma forma de se obter mais oportunidades de emprego no país de origem.

Assim, apesar de observarmos que o retorno para o Brasil pôde ter sido, de certa forma, “forçado” (devido às questões legais, compromissos institucionais e laços familiares), a maioria dos 11 entrevistados pelo Projeto THEMIS afirmou que só voltaria a emigrar em “contextos muito particulares”.

Isto demonstra que, a dinamização da economia brasileira e os programas de incentivo a internacionalização estudantil neste país, têm provocado uma maior mobilidade dos seus estudantes, mas também têm conseguido assegurar o retorno dos mesmos e a sua posterior fixação em território nacional.

5 – BIBLIOGRAFIA

- Almada, Pablo (2010) “Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra (APEB-Coimbra): Desafios e perspectivas para a imigração estudantil e política-científica em Portugal” En: Atas do 1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa, Novembro, Barcelona: Facultat de Geografia i Historia Universitat de Barcelona.
- Almeida, Gisele Maria Ribeiro de (2012) “De estudante à migrante: percursos e percalços de brasileiros na França” En: Atas 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa, Outubro, Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Arango, Joaquín: “La Explicación Teórica de las Migraciones: Luz y Sombra” en *Revista Migración y Desarrollo*, Outubro 2003, pp. 1-30, En: <http://rimd.reduaz.mx/revista/rev1/JoaquinArango.pdf>
- Brazilian Education & Language Travel Association (BELTA): “Estudo de Inteligência de Mercado para o Segmento de Estudos e Intercâmbio”, Junho 2009, En: http://www.brasilnetwork.tur.br/brnetwork/opencms/bn/arquivos/Bureaux/Intercambio/Inteligencia_Comercial_Bureau_Brasileiro_de_Intercambio.pdf
- Brooks, Rachel e Waters, Johanna “Social Networks and education mobility: the experience of UK students” en *Revista Globalisation, Societies and Education*, Março 2010, pp. 143-157, En: <http://dx.doi.org/10.1080/14767720903574132>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES: “Plano de ação da CAPES para expansão da formação de estudantes de pós-graduação, graduação e docentes no exterior”, 2011, En: <http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/4604-capes-divulga-plano-de-acao-para-expansao-de-formacao-no-exterior>
- Fonseca, Maria Lucinda e Hortas, Maria João “International Students in Portugal” en *Canadian Diversity*, Inverno 2011 Vol 8:5, pp. 98-104, En: http://www.metropolis.net/pdfs/cdn_diversity_mobilestudnt.pdf
- Góis, Pedro e Marques, José Carlos (2007) “Estudos prospectivo sobre imigrantes qualificados em Portugal” En: Estudos Observatório da Imigração, núm. 24, Novembro, Lisboa: Observatório da Imigração.
- Gonçalves, Maria Ortelinda Barros (2007) *Desenvolvimento em Meio Rural - Contributos da Emigração e do Regresso. Aplicação ao Concelho de Boticas na Região Barrosã* Tese (Doutorado), Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta de Lisboa, Portugal.
- Granovetter, Mark “Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness” en *American Journal of Sociology*, Vol. 91, Núm. 3, Novembro 1985, pp. 481-510, En: <http://www.jstor.org/stable/2780199?origin=JSTOR-pdf>
- Iorio, Juliana Chatti (2012) “Estudantes Brasileiros em Portugal e Reino Unido: As alterações nos fluxos migratórios e o retorno” En: Atas 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa, Outubro, Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
- Iorio, Juliana e Peixoto, João (2011) “Crise, Imigração e Mercado de Trabalho em Portugal - Retorno, regulação ou resistência?”, Lisboa: Principia
- Lee, Everett S. “A Theory of Migration” en *Demography*, Vol. 3, Núm. 1, 1966, pp. 47-57, En: <http://www.jstor.org/stable/2060063?origin=JSTOR-pdf>
- King, Russell (2002) “Towards a New Map of European Migration” En: *International Journal of Population Geography* 8, pp. 89-106
- King, et al., “International student mobility literature review” en *HEFCE*, Novembro 2010, En: http://www.britishcouncil.org/hefce_bc_report2010.pdf
- Mazza, Débora – “A internacionalização dos processos formativos - a circulação de pessoas, saberes e práticas no campo das Ciências Humanas” en *Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS, GT 25 Migrações Internacionais*, Outubro 2008, En: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2534&Itemid=230
- Peixoto, João (2004) “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas” En: *SOCIUS Working Papers*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa
- Pereira, Ana Isabel (2012) “Universidade do Porto recebe mais de 1500 estrangeiros esse ano” en *Porto24* En: <http://porto24.pt/porto/27022012/universidade-do-porto-recebe-mais-de-1500-estrangeiros-este-ano/>
- Portugal, Embaixada (2010): “Brasileiros são o maior grupo de estudantes estrangeiros em Portugal” en *Embaixada de Portugal no Brasil - Blogue de Actualidade Luso-Brasileira* En: <http://embaixada-portugal-brasil.blogspot.pt/2010/07/brasileiros-sao-o-maior-grupo-dos.html>
- Programa Santander Universidades Mobilidade Internacional: “Bolsas Luso-Brasileiras” (s.d) en *Santander Universidade* En: <http://www.santanderuniversidades.com.br/Paginas/iesbolsaluso.aspx>

- Ravenstein, E. G. "The Laws of Migration" en *Journal of the Statistical Society of London*, Vol. 48, Núm. 2, Junho 1885, pp. 167-235, En: <http://links.jstor.org/sici?sici=0959-5341%28188506%2948%3A2%3C167%3ATLOM%3E2.0.CO%3B2-D>
- Rocha, Fabrício (2010) "Noções de imigração e cultura na era da globalização: o caso dos estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra" En: Atas do 1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa, Novembro, Barcelona: Facultat de Geografia i Historia Universitat de Barcelona.
- Santos, et al., (2010) "Migração: Uma Revisão Sobre Algumas das Principais Teorias" Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF (2012) "A Imigração de Estudantes Internacionais para a União Europeia: O Caso Português", en *Rede Europeia das Migrações*, En: http://rem.sef.pt/PagesPT/DocsPT/EstudosNacionais/2012_imigracao_estudantes.pdf
- Universidade Federal do Rio de Janeiro: Setor de Convênios e Relações Internacionais (s.d) En: <http://www.scri.ufrj.br/>
- Zamberlam, et al., (2009) "Os estudantes internacionais no processo globalizador e a internacionalização do ensino superior", Porto Alegre: Solidus

COMUNICAÇÕES ORAIS:

Pedreira Isabel., Roriz Cláudia (2012) "Os Estudantes Estrangeiros Nacionais de Países da CPLP no Ensino Superior em Portugal: Contributos para uma Caracterização" En: Conferência Imigração de Estudantes Internacionais

Pinho, Filipa (2012) "Transformações na Emigração Brasileira para Portugal" En: Defesa de Tese de Doutoramento no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL)

Juliana Iorio

Investigadora Assistente do Projeto THEMIS - *Theorizing the Evolution of European Migration Systems*, no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa/Centro de Estudos Geográficos, em Portugal. Possui mestrado em Comunicação e Indústrias Culturais pela Universidade Católica de Lisboa e trabalhou como jornalista, durante 5 anos, para o Alto-Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural em Portugal.